

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - L.º e 2.º Andar - Telef. 4313. - Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Telef. 4177 - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

AVENÇA VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Casas económicas VERDADES Perfilando O MUSEU ALBERTO SAMPAIO DE GUIMARÃIS

Pelo Dr. Luís Reis Santos.

Tem sido bastante ventilado ultimamente o problema da construção de casas económicas, problema de grande importância e de grande alcance social. A falta de casas próprias para habitação, quer sob o ponto de vista de higiene, quer sob o da modicidade de preços, torna-se, de facto, tanto mais grave quanto mais longa for a demora de uma solução justa e condigna.

Há terras, como Guimarães, onde essa falta mais se acentua e de um modo especial no que se refere à classe média, para a qual não aparecem casas em condições. Os modestos honorários que são atribuídos, por exemplo, a funcionários da referida classe são muito agravados com o aluguer excessivo da casa de habitação. Esta circunstância torna-se ainda mais grave quando acrescida da falta de higiene, como sucede na maior parte dos casos — continuamos a fazer referência a Guimarães — pois é coisa que poucos inquilinos gozam. Com raras excepções, os senhorios descaram em absoluto o factor higiénico, assim como o do conforto, e apenas procuram a segura garantia do pagamento do aluguer. De resto, não querem saber se periga

a saúde dos inquilinos, não só por completa ausência de higiene, mas também por outros motivos. E' assim, infelizmente, uma grande percentagem dos senhorios de Guimarães e como eles muitos outros devem existir por todos os cantos do país, enquanto não forem obrigados, por meio de severas sanções, a reconhecer os inquilinos como seus semelhantes e não como seres inferiores.

E enquanto isto se passa na classe média, outro sudário de misérias humanas se encontra na classe pobre, onde reina por vezes o perigo contra a boa moral, visto haver famílias que vivem em condições idênticas às de certos animais irracionais.

Portanto, o problema da construção de casas económicas torna-se uma realidade necessária, porque dele dependerá maior felicidade para os que vivem acorrentados à desumanidade de certos senhorios, aos quais é indiferente a acção de humanizar e moralizar.

Em Guimarães essa necessidade é bem manifesta e justa e, por isso, impõe-se que esta terra não seja excluída desse benefício.

S. S.

A dúvida é uma labareda. As suposições nuvens de fumo atravessado de fogachos. O ciúme um incêndio.
— E' o coração a arder.

Quando êle se aproxima, os seus olhos são dois lagos tocados de sol.

Quando se afasta, descem as pálpebras em mágoa de sombra. Dia e noite — mistério alado da presença e da ausência.

Escreveu não sei quem: "nada há que mais refresque a alma do que a lembrança de uma tolice que se esteve para dizer — e se não disse".

Saber calar, ainda é a grande ciência.

Quando se pode . . . murmurar? Sim, e quando se não pode; mais uma razão para se dever.

O que custa é passar, ou antes pensar que se tem de passar por o lado de lá.

Porque, ao ver um cadáver, a mesma ideia vem sempre ter connosco: — Como é feliz!

Estuda-se afanosamente para se prolongar uma coisa que quasi não vale a pena: a vida.

E afinal ninguém se preocupa por tão cedo inevitavelmente acabar uma coisa que vale muito mais porque é felicidade: o amar.

Porque será que, no combóio, ao ver o sinal de alarme, a gente sente sempre o desejo de puxar pela alavanca?

Abril. No ar tépido, lança-se a semente à terra morena. Embrião que vai ser flor e fruto — sorriso e promessa.

Sementeira de Abril — sementeira de luz, de optimismo, de primavera.

Que pena não poder dizer: de paz . . .
Aurora Jardim.

Muito progrediu nestes últimos anos, certo é também que muito há ainda a fazer e se torna indispensável, sabido que Guimarães é uma das cidades mais industriais e comerciais do País.

Muito se deve já à iniciativa particular — todos o sabem — mas muito mais temos a esperar, ainda, dessa iniciativa.

O que vai fazer a Companhia «Garantia» é qualquer coisa de notável e que bem merece os louvores e o reconhecimento de todos nós; e oxalá, pois, que a iniciativa e os esforços que venham a ser empregados sejam coroados do melhor êxito.

Ficamos hoje por aqui, mas esperamos voltar em breve ao assunto e com elementos que possam confirmar inteiramente os informes que pessoa amiga correu a dar-nos num dos dias desta semana.

O Alberto Vieira Não é de Braga; Tem mioleira Que nos embriaga.

Vemo-lo à esquina De Paio Galvão, Com gente da fina E de ilustração.

Começou, ainda bem novo, Numa ânsia de purismo, Por colhêr do nosso povo O seu Provincianismo.

A seguir e, sem dispensas, Envelheceu nas Sentenças.

Deu-nos mais o estudante Com saber e galhardia: S. Gonçalo de Amarante, S. Gonçalo na Baía; Com erudição precisa S. Tiago na Galiza.

E como bom jardineiro Cultiva Alfadega e Cravos; E entre aplausos e bravos, Em ensaios matutinos, Subiu, trepou, foi sineiro, Tangeu as Vozes dos Sinos.

Prosador insatisfeito Dá-nos volumes; e assim (Onde se mostra perfeito), Curiosidades... sem fim.

A poeira dos arquivos E' sua herança de bens; Reproduz aos velhos vivos Os mortos de Guimarães...

E como o tempo é incerto E é ouro que nos afaga, Deixo-vos, aqui, o Alberto — O Alberto Vieira Braga.

Pôrto, Abril de 1944.

Leão Martins.

Dr. Roberto de Carvalho

Este nosso ilustre conterrâneo, distinto Professor do Ensino Superior e Médico Radiologista, partirá brevemente, em missão especial, para a capital do país vizinho, onde vai fazer três conferências sobre assuntos da sua especialidade, devendo também fazer uma em S. Tiago de Compostela.

E' com grande satisfação que registamos este facto, pois trata-se de um Filho de Guimarães que tão dignamente tem contribuído para o engrandecimento e prestígio do nome da sua e nossa Terra.

Sem vestígios de vaidade nem aspirações a novos triunfos da luta pela vida, a personalidade do Sr. Dr. Joaquim Roberto de Carvalho continua a ser posta em destaque não só em Portugal como no estrangeiro, motivo por que muito do coração o felicitamos, felicitações de que os seus conterrâneos igualmente compartilham, sobretudo aqueles que veneram o nome da Terra-Mãe.

HORA DE VERÃO

No próximo sábado, dia 22, às 23 horas, e segundo o que está determinado superiormente, os relógios serão adiantados mais 60 minutos.

O Museu Alberto Sampaio é uma instituição cultural que dignifica o País pelo valor histórico e artístico dos espécimes representativos do glorioso passado e património espiritual da Nação, e pelo superior critério museológico de quem o organizou e dirige, dedicada e competentemente.

Instalado em dependências da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, restauradas entre 1928 e 1935, o Museu Alberto Sampaio, aberto ao público em 1 de Agosto de 1931, é o mais belo estabelecimento português da sua categoria e um dos museus mais ricos do País, principalmente em obras de ourivesaria, tecidos, paramentos e bordados, esculturas de calcáreo, de madeira e alabastro.

Para fazer idéia do seu precioso recheio, devem mencionar-se, entre as dezenas de peças expostas, algumas das mais importantes, raras e características.

No que se refere a conjuntos e fragmentos arquitectónicos, o Museu, alojado no admirável claustro românico da Colegiada (que foi também incluído na classificação de histórico monumento nacional) e nas salas anexas, conserva a portada latino-bizantina da primitiva capítular do edifício construído por Mumadona no século X; a capela mandada edificar entre 1419 e 1421 por Alvaro Gonçalves de Freitas, vedor da fazenda do rei D. João I, com sua portada em gótico primário, janelas ogivais e os túmulos do fundador e de sua mulher D. Beringela Gil: uma edícula monumental manuelina; fragmentos visigóticos de capitéis, ábacos, pia baptismal, etc.

Quanto a lápides, há três de grande valor documental: a da construção do edifício da Colegiada, mandado erguer depois da Batalha de Aljubarrota, em 1386, e as referentes à sagração da Igreja em 1401 e à construção da capela de Santo André, no claustro, em 1447.

Entre as esculturas de calcáreo, de madeira e alabastro, devem destacar-se: as imagens de «Santa Maria de Guimarães», madeira policromada do séc. XII; de «Nossa Senhora do Leite», calcáreo de estilo francês do séc. XIII; de «Nossa Senhora da Piedade», alabastro inglês do séc. XV; de «Santa Margarida», calcáreo policromado, de estilo francês do séc. XV; de «A Virgem e as Santas Mulheres», «A Virgem e S. João Evangelista», grupos de madeira policromada, também de estilo francês do séc. XV; de «Nossa Senhora», «S. João Baptista», «Nossa Senhora da Purificação», «S. Miguel», «Santa Bárbara», calcáreos do séc. XVI; outras peças renascentistas, imagens, grupos e retábulos dos séculos XVII e XVIII, de Ambrósio Coelho e Manuel Gomes de Andrade, artistas vimaranenses, etc.

Representam a pintura portuguesa das épocas de D. Manuel I e de D. João III, os painéis em tábuas representando «Nossa Senhora do Leite entre dois Santos», «A Anunciação», «A Virgem e o Menino» (de António Vaz) e «A Descida do Espírito Santo», atribuída ao mesmo pintor. Mais dois painéis do séc. XVI e XVII, «Martírio de Santa Marinha», «S. Dámaso» e «S. Torcato», duas telas «Natureza Morta» (assinadas Pereira) e duas telas de Vieira Portuense «A Virgem do Leite» e «A Sagrada Família» completam este interessante núcleo.

O mobiliário é constituído por: um tocheiro de madeira policromada do séc. XVII; estantes setecentistas; bancos de couro e estofados com veludo de Utrugeu, do séc. XVIII, etc.

De peças de cerâmica possui o Museu: um pote de porcelana indo-china, côr de chocolate, com reservas; colecções de ladrilhos moçárabes; azulejos policromos com motivos persas, florentinos e «de tapete»; Azulejos dos conventos da Esperança, de Lisboa; de S. Francisco, de Guimarães e de Monchique, do Pôrto; um depósito de água com respectiva bacia de faiança de Ruão, do séc. XVIII, etc.

Muito belos e típicos são três frontais de couro de Córdova policromados e doirados, do séc. XVII. Um exemplar excepcional, único nas colecções do Estado, valoriza consideravelmente o Museu Alberto Sampaio: é o tapete copta, de linho e lã, peça egípcia do séc. VI da nossa era. Há também, expostos, vários tepêtes de Arraiolos, da primeira e segunda épocas.

Os tecidos, paramentos e bordados, constituem núcleos dos mais ricos do Museu. Entre as peças valiosas destacam-se: o pelote de D. João I, montado sobre cânhamo de linho, estofado a lã, recoberto de brocado e bordado (séc. XIV); um frontal de brocado de Veneza, do séc. XV; uma casula e vestes de missa solene, bordada a matiz em brocado de Veneza, veludo, oiro e prata; damascos espanhóis, do séc. XVI; tenilhas indianas, uma casula chinesa e brocatéis espanhóis, do séc. XVI; peças de Leão; paramentos bordados a oiro, a grande relêvo, e da Fábrica do Rato; fragmentos de tecidos persas, muçulmanos, venezianos, lioneses, espanhóis, indo-portugueses, etc.

Livros de cantochão iluminados, tinteiros e areiros, pratos de cobre chamados de Nuremberg, e uma cruz de cobre florentina, formam um interessante conjunto de várias espécies de arte quinhentista.

E, finalmente, o mais valioso núcleo do Museu, constituído por peças magníficas de ourivesaria e joalharia, do séc. XII ao séc. XVIII.

Do notável grupo dos cálices românicos faz parte um de prata, talvez aragonês, que foi oferecido pelo Rei D. Sancho I à igreja do Convento de Santa Marinha da Costa. Seguem-se, cronologicamente: um cofre do séc. XIII, revelado a

GAZETILHA

Depois de a Festa acabada, venho meter colherada, leve reparo fazer. Assim quero demonstrar que ninguém tentei lesar em seu negócio fazer...

Nesta Páscoa que findou, a gulodice imperou como em épocas passadas. Todas as pastelarias e até as mercearias tinham «doçura» às carradas.

Tal, parecendo que não, magoou-me o coração, pois vi nisso grande afronta. — Quarta gatinha, coitada, se sentiu mais desgraçada diante de muita montra!

O famoso Pão de Ló, cuja aquisição é só p'ra quem tem largo provento, apa'rcou com mais fartura de que a broa ou a mistura, que do pobre são sustento.

Na Casa Braga & Carvalho, uma rósca — um espantalho! — com 15 quilos de peso, era a prova mais cabal daquele instinto, afinal, que pela dôr tem desprezo.

Neste tempo desgraçado, em que o povo é obrigado à mais negra restrição, não devia tolerar que inda o venham afrontar as montras... de teutação.

BELGAT (UR.

O amor à Terra e à Crei — eis o nosso lei pa.

punção, é outro do séc. XIV e persa, de prata doirada com motivos ornamentais de relevo-baixo; o famoso altar de prata doirada, tríplice de estilo francês tomado aos castelhanos na Batalha de Aljubarrota; uma cruz, uma imagem de «Santa Maria» e um cálice gótico com patena, todas estas peças de prata doirada e do séc. XIV e as duas últimas esmaltadas; uma cruz de prata branca no estilo persa-mudejar, e um cofre gótico de prata, do séc. XV; um cálice de prata doirada com patena, manuelino; a cruz monumental de João Rodrigues, de Guimarães, a maior cruz no género existente em Portugal, de prata branca com baixos relevos na base, reproduzindo gravuras alemãs do primeiro terço do séc. XVI; uma custódia, uma imagem de «S. Sebastião», e uma cruz, de prata e quinhentista; três cálices e dois relicários no estilo da Renascença; um cofre, uma salva, um gómel, uma bacia, um punhal e um colar de estilo e de fabrico indo-português e oriental; um peitoral de prata, cálices D. João V, uma coroa de ouro com pedras preciosas e um par de brincos com diamantes, do séc. XVIII; condecorações, etc.

É realmente notável este conjunto de obras de arte. Mas o que mais o valoriza é o excelente espírito de quem o organizou e conserva, procedeu à escrupulosa selecção das peças e as expôs criteriosamente no claustro e nas salas desse evocativo ambiente de glorificação nacional e de poesia que é a velha Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Obras espirituais desta natureza não devem ser apenas realizadas dentro de estreitas normas museológicas e didáticas.

Se considerarmos entre nós, por um lado, a tendência natural para aglomerar peças, convertendo frequentemente este género de galerias públicas naquilo a que se denominou com ironia de «museu de recordações de família» e, por outro, a ausência quasi sempre fatal de facilidades indispensáveis para escolher e apresentar o que é digno de expor-se, com probidade e bom gosto, reconhecer-se-á que o Museu Alberto Sampaio ocupa no País um lugar de excepcional relevo.

«Essa aglomeração não tem apenas inconvenientes de ordem estética — reconhece o erudito Salomon Reinach — é desanimadora para o visitante, reduz o valor pedagógico das obras primas, expostas em má companhia.»

Ora este é, sem dúvida, o aspecto mais louvável da organização do Museu Alberto Sampaio: com o saber e o requinte indispensáveis, mas raros, o seu Director seleccionou e expôs modelarmente os mais representativos espécimes das várias colecções.

Criar um museu num edifício próprio, seguindo os preceitos da museologia contemporânea, é relativamente fácil para quem estudar o problema no ponto de vista da sua técnica. Mas adaptar uma construção antiga e tirar dela o máximo partido, dentro das regras e das normas que sirvam melhor semelhante género de estabelecimento cultural, já não é tão fácil. Isso requer uma intuição privilegiada e qualidades excepcionais de bom senso e de bom gosto. Tudo isso reúne o organizador e actual director do Museu Alberto Sampaio, Sr. Alfredo Guimarães, dedicado e competente animador de uma obra que não deve constituir apenas o orgulho da encantadora cidade minhota e berço da Pátria, mas também merecer, com toda a justiça, o aplauso e reconhecimento da Nação. (Da Revista «Panorama»)

Resignada saúde! Efeitos da malvadez

(A Dr. António M. Aroso, um dos maiores amigos de meu marido, na perda dos dois Filhos)

Vós não morrestes, fostes repousar Na paz celestial do sono eterno, Enquanto nós, em nossa grande dor, Presos ficamos em indoso inferno.

Vós não morrestes, fostes-vos embora, Porque este mundo não vos merecia. Veio Jesus à terra procurar-vos Para no Céu ter vossa companhia.

Vós não morrestes, vós viveis ainda Em nosso peito como em cofre forte: Desta prisão jamais vos saireis, Pois nosso amor vai para além da morte.

Vós não morrestes, anjos bem queridos, Fostes ao Céu pedir a Deus por nós! E Deus nos chamará talvez em breve Para vida melhor junto de vós.

Virginia Simões Pedrosa.

NO GALGADO DA Sapatária Luso ENCONTRA V. EX.ª DISTINÇÃO.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

N.º 63 J. Weyman

Aventuras do

Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO XI

O caminho de Paris

Quieti o meu cavalo em direcção à escarpa abrupta da margem, e ele aborou-a valentemente. Por um instante ficou suspenso, como se fôsse cair para trás; mas com um relincho de medo e um esforço desesperado alcançou o cimo e pisou a terra firme.

A setenta passos adiante de mim, na estrada, estava estirado um dos meus homens. Caíra com o seu cavalo e não se levantara. Próximo dele, e encostado a um talude, o seu companheiro, a pé, defendia-se de quatro

Há dias, dois indivíduos do concelho da Póvoa de Lanhoso conseguiram subir ao torreão da capela do Asilo de Donim, pertencente à Santa Casa da Misericórdia desta cidade, e tocaram o sino a rebate, assustando assim todo o pessoal daquela Casa de Caridade e alarmando também os vizinhos, alguns dos quais ali compareceram em trajas menores, sem que, contudo, conseguissem apanhar os dois mandrins. Pouco tempo depois — e quando tudo já parecia estar sossegado — os mesmos noctívagos apedrejaram o edifício, pondo-se em seguida em fuga.

Esta ocorrência, que teve lugar à meia noite, foi comunicada à autoridade administrativa da Póvoa de Lanhoso pelo Sr. Provedor da Misericórdia, que pediu para os autores da façanha o devido castigo.

De facto, a acção praticada é repugnante, não merecendo os seus autores qualquer espécie de compaixão por parte da respectiva Autoridade.

cavaleiros e gritava por socorro. Ao ver-me, com um tiro da sua carabina atirou um deles a terra.

Saquei uma pistola dos coldres e curvei-me sobre a minha montada, segurando-a pela cabeça. Podia ainda salvar o meu criado. Subitamente, uma pancada pérfida, tão rápida como inesperada, fez-me saltar a pistola da mão.

Antes que tivesse podido repôr-me da minha surpresa, a menina de Cocheforêt lançou furiosamente o seu cavalo contra o meu e chicoteou-lhe as orelhas. O meu alazão empinou-se e um momento depois estava eu por terra, desastrosamente desmontado; o meu cavalo fugia a galope, e o da menina de Cocheforêt, assistido também, encabritava-se, ingovernável, a uns vinte passos de mim. A não se dar isto, creio bem que ela me teria esmagado sob as patas da sua montada.

Sem perda de tempo, levantei-me e corri para os combatentes, de espada desembainhada. O meu criado continuava a defender-se e via-se ainda no ar o fumo produzido pelo tiro que

No meu cantinho

Pobre coração cansado!

Desde que, há lindos 32 anos, meus olhos viram a Senhora da Madre de Deus das desterradas Capuchinhas e com o volver dos tempos viram ali medrar e progredir a Grande Obra das Oficinas de S. José, sempre os meus passos ali se dirigiram com saúde crescente e prazer acentuado.

Muitas vezes subia a calçada pedregosa. Era uma aragem a lidar da vida.

Agora, não pode ser.

Poupemos o coração.

Só de longe a longe visito a Instituição altamente simpática.

Recentemente os melhoramentos ali observados são de tal ordem que a gente tem de pensar jubilosamente nos milagres da actual Comissão, em dinamismo formidável, e tem de reconhecer que à frente dessa prodigiosa Comissão fulge radiante, e forte, a energia máscula do Homem de Guimarães.

Para tal Comissão Coroa justa!

* * *

¿ O Alberto estranhou a Fé do carvoeiro?

Espíritos gentis a estranhar.

Se consultassem o Cândido de Figueiredo, só encontrariam a *maré do carvoeiro*, oportunidade.

Mas no *Moraes* das edições enriquecidas e no *Contemporâneo* da minha paixão, lá veriam registado o sentido que se adivinha no final daquele soneto do Abade de Jazente que ilumina a frontaria de uma casa na Fonte-Santa: —

Oh! Quanto vive alegre o que da aldeia à rústica vivenda se acomoda, adonde os campos lavra, as vides poda e em santa paz o seu casal granjeia.

Veste burel peludo e não receia que o culpe o mundo por faltar à moda e sem que tema da fortuna a roda, com gosto almoça e com sossego ceia.

Teme a Deus, teme ao Rei e assim procura lograr dos anos seus o giro inteiro sem que o fim lhe antecipe a Parca dura, até que em braços de um fiel herdeiro ouvindo o Credo velho ao Padre Cura morre feliz na Fé do carvoeiro.

* * *

¿ Que faz ao caso a ortografia de hoje?

Assentemos bem nisto, meu Alberto: —

Não há Flor mais formosa do que a Fé!

G.

Alvaro Penafort

Tendo-se aposentado, recentemente, regressou de Lisboa à sua Casa de Celorico de Basto, onde vai de novo fixar residência, o nosso prezado amigo e estimado conterrâneo Sr. Alvaro da Silva Penafort, que durante muitos anos desempenhou, em algumas comarcas do país, com extraordinário zelo e competência, as funções de Escrivão de Direito.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de muita estima, com os melhores votos de muitas prosperidades.

dera, porque tudo isto passara-se em alguns segundos. Saltei por cima de um tronco de árvore que estava entre nós, e logo dois dos cavaleiros correram ao meu encontro. Um, que tomei pelo chefe, estava mascarado. Arremessou-se impetuosamente contra mim, mas evitei-o dando um salto para o lado e precipitei-me sobre o outro, ao qual espantei o cavalo, ao mesmo tempo que, fugindo-lhe a uma estocada, lhe atravessei um ombro antes que ele pudesse pôr-se em guarda. O ferimento provocou-lhe um chuveiro de pragas; o cavalo arrebatou-o, e voltei-me então contra o homem mascarado.

— Celerado! — gritava ele, correi do novo para mim. — Rende-te, cão, sabujo!

Como resposta, toquei-o ligeiramente num joelho; e antes que tivesse podido feri-lo mais seriamente o seu companheiro voltava à carga e acometiam-me ambos tão violentamente, e atirando-me à cabeça golpes sobre golpes, dominando-me tão vantajosamente do alto dos seus cavalos, que não pude pensar em mais do que

Têmpera Lusitana

Exprimeu alguém que «a mocidade não foi talhada para a comodista fruição do repouso, mas sim para o heroísmo e para a aventura». Esta é a directriz básica de toda a tonificante recuperação nacional da juventude, empreendida pela «Mocidade Portuguesa». Ansia de infinito, escalada que, sem tréguas, recomeça — por muito alto que se tenha chegado já — destemor e confiança, em tudo isto se caldeou sempre a inquebrantável têmpera portuguesa e se há-de esculpir a imagem dos Portugueses que vierem, para dignos herdeiros se mostrarem de quantos assim foram, de quantos são assim.

O maior prodígio deste carácter de nobre lusitanismo, é que o tempo não pesa sobre quem o possui. Nunca se torna cinza a fogueira sagrada. E uma nova demonstração de tão bela verdade, acaba de dá-la o almirante Gago Coutinho, realizando, com o denodado entusiasmo de um Rapaz — olhos postos, tanto no astrolábio, como na sina, bem nossa, de vencer o Oceano —, a viagem de 104 dias a bordo do veleiro «Foz do Douro, do Brasil a Portugal, onde chegou precisamente 22 anos decorridos sobre o retórno de outro feito glorioso em que interveio: a travessia aérea do Atlântico-Sul, com Sacadura Cabral.

Motivos? — Ele os exprimeu, com a sobriedade, com o entono natural de quem não realça as façanhas porque, de tanto as avizinhar, as reputa singelas: «Fiz esta viagem para recordar o passado; e para que quando falar em navegação à vela, o possa fazer com mais autoridade. Quis confirmar as minhas idéias!»

A sua vida a bordo começava às 4 horas e meia da madrugada. Descalço, no convés, como grumete, nem um dia deixou de assistir à baldeação! As palavras do sábio emprestam a dualidade mais curiosa a esta figura de marinheiro: «Foi a navegar à vela que acabei por me convencer de que não houve acasos nos descobrimentos marítimos dos portugueses. As rotas indirectas que os veleiros actualmente cruzam, são as mesmas seguidas por nós em 1400».

Símbolo de genuína vocação lusitana, obediente aos imperativos mais racionais — Gago Coutinho não é um velho; porque nunca envelhece quem desdenha a fruição do repouso e faz voto da sua existência a dois esteios bem lusos: O Mar e o reviver de páginas heróicas.

Decorreram com grande esplendor as cerimónias da Semana Santa em Vizela, graças à iniciativa e aos esforços empregados pelo ilustrado Abade de S. João das Caldas e nosso

conservar-me na defensiva. Por fim, consegui encostar-me ao talude. Os dois cavaleiros não abrandavam na sua fúria contra mim, e eu via-me embarçado. Por pouco que a luta se prolongasse, era de temer que o terceiro dos assaltantes fosse em auxílio dos seus companheiros, e, por outro lado, a menina de Cocheforêt era perfeitamente capaz de me dar um tiro com a minha própria pistola. Assim, em tão difícil situação, senti um grande contentamento quando com parada feliz fiz saltar para a estrada a espada do homem mascarado. Vendo-se desarmado, atirou o seu cavalo às cegas sobre mim, esportando-o sem piedade; mas o animal, que eu já tinha tocado algumas vezes, empinou-se e derrubou-o, no momento mesmo em que eu fazia de novo o seu companheiro e o feria recuar.

A cena mudara de aspecto. O homem mascarado cambaleava e apalpar-se desorientado, à procura de uma pistola. Mas antes de encontrá-la caía de encontro ao talude, e ficava encostado a ele. O homem que eu acabava de ferir não estava em melhor

estado. Ao cabo de um momento perdia a coragem, deixava cair a espada, e, voltando as rédeas ao cavalo, partia a trote, agarrando-se à sela. Só restava um homem que brigava ainda com o meu criado. Corri para ele, mas, ao ver-me chegar, o patife deu também de rédeas ao seu cavalo, fustigou-o e desapareceu no bosque, abandonando-nos a vitória.

A primeira coisa que fiz — e ainda me lembro disso com prazer — foi meter a mão ao bolso e tirar dele o dinheiro que tinha para dar ao meu criado, que tão vigorosamente se batera por mim. Na minha alegria até o teria abraçado! Não era somente porque eu tinha escapado à derrota, graças ao meu encarniçamento e à sua boa espada: é que eu sabia, eu sentia e estremecia em todo o meu ser, que aquele combate, num sentimento, me havia rehabilitado. O valente rapaz tinha dois ferimentos; e tinha algumas arranhaduras e perda de um cavalo; quanto ao outro pobre companheiro, estava morto. A menina de Cocheforêt tinha-se apeado, e chorava abertamente, com a máscara

prezado amigo Sr. Padre João Gonçalves, a quem aqui queremos expressar o nosso louvor.

Pessoa amiga que de Guimarães se deslocou a Vizela para apreciar a Procissão do Entêro, em Sexta-Feira Santa, à noite, disse-nos, maravilhada, a sua impressão.

Vizela, a encantadora Vila do nosso concelho e Rainha das Termas de Portugal, mostrou uma vez mais do que é capaz.

O Sr. Padre João Gonçalves encontrou, como sempre, em muitos vizelenses, óptimos colaboradores e toda a Vila se associou, religiosamente, aos imponentes e emocionantes actos com que foi comemorada a Paixão e Morte do Redentor.

Major Artur Gomes Alves

Pela última Ordem do Exército foi promovido a Major o médico-veterinário e nosso prezado conterrâneo Sr. Dr. Artur Gomes Alves, que, pela mesma Ordem, foi colocado na guarnição de Lisboa.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Realizou-se

o 6.º Concerto Cultural, que foi brilhante

Esteve muito concorrido e decorreu com muito brilhantismo o sexto concerto cultural levado a efeito pela Sociedade Filarmónica Vimaranesa, na passada quarta-feira, no Salão-Ginásio do Liceu de Martins Sarmento.

Não fizeram a sua apresentação os distintos Artistas Srs. Alberto Pimenta (Filho), Luís Antunes e José Neves, respectivamente em violino, violoncello e piano, os quais nos deliciaram e a todos os que tiveram o prazer de assistir a esse Sarau de Arte, que tão gratas e tão belas impressões a todos deixou.

Num programa simplesmente admirável, recheado de números sugestivos, o trio que na quarta-feira nos visitou foi alvo de muitos e bem merecidos aplausos.

A 3 de Maio próximo realiza-se, no Teatro Jordão, um concerto extraordinário, para a apresentação de uma Grande Orquestra de Câmara, num total de 30 professores.

O número de bilhetes marcados para esse concerto é já elevado, o que prova bem o grande interesse que tal iniciativa despertou no nosso meio.

UMA CONFERÊNCIA

do Dr. MANUEL ANSELMO

Promovida pelo nosso brilhante colega *Jornal de Monção*, realizou-se, ontem, naquela encantadora Vila, a 1.ª Conferência Cultural da série que o mesmo jornal vai levar a efeito, tendo sido orador o ilustre Escritor Sr. Dr. Manuel Anselmo, que versou o tema: — «Os cinco aspectos dramáticos do humanismo contemporâneo».

Recebemos, para essa sensacional conferência, um amável convite e tivemos imensa pena de não poder ir escutar o talentoso conferencista para quem vão os nossos cumprimentos.

Baile de Aleluia

Promovido por um grupo de estudantes universitários, realizou-se no penúltimo sábado, no salão nobre do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, um baile de Aleluia que decorreu muito animado e teve numerosa e selecta concorrência.

Aquela reunião foi abrilhan-

ta por uma Orquestra do Pôrto que agradou, tendo-se dançado animadamente até cerca das 6 horas da manhã.

Durante o baile predominou, sempre, a maior alegria. O serviço, abundante e variado, satisfizes absolutamente. Agradecemos o convite que nos foi endereçado.

Augusto Pinto Lisboa

O considerado industrial do Pevidém e nosso bom amigo Sr. Augusto Pinto Lisboa, aproveitando, no dia 8, a passagem do seu aniversário natalício, ofereceu aos seus numerosos operários um abundante almoço, tendo-os ainda gratificado com uma importância em dinheiro.

E estes, que se encontram já bem unidos em volta do seu dedicado patrão, quiseram assinalar o facto, estreitando mais ainda os laços de amizade e de camaradagem, inaugurando uma bandeira à sombra da qual todos os títulos encantadora que deve ter ficado profundamente gravada na memória e no coração do Sr. Pinto Lisboa e de todos quantos labutam à sua volta.

A Banda do Pevidém associou-se àquela interessantíssima festa, tendo havido outras manifestações de regozijo.

O Sr. Pinto Lisboa mandou melhorar, nesse dia, a refeição na Casa dos Pobres do Pevidém, tudo contribuindo para que a sua festa natalícia tivesse decorrido num ambiente de fraternidade que nos apraz registar.

E oxalá que aquela festa se repita por muitos e muitos anos!

Augusto Pinto Lisboa

O Sr. Pinto Lisboa mandou melhorar, nesse dia, a refeição na Casa dos Pobres do Pevidém, tudo contribuindo para que a sua festa natalícia tivesse decorrido num ambiente de fraternidade que nos apraz registar.

E oxalá que aquela festa se repita por muitos e muitos anos!

Comemorando o 9 de Abril

No domingo foi comemorada, nesta cidade, a data da batalha de La Lys, tendo sido celebrada, às 10 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, uma missa sufragando a alma dos combatentes mortos no campo de batalha.

O acto estava muito concorrido, vindo-se entre a assistência a Comissão Administrativa da Sub-Agência da L. dos C. da G. Guerra, elevado número de antigos combatentes e oficiais do Exército, autoridades locais, representantes de diversas colectividades, Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, Legião e Mocidade Portuguesa, Bombeiros Voluntários, estabelecimentos de ensino, Escutas, etc., etc.

Entre os antigos combatentes da Grande Guerra que assistiram religiosamente a essa simples mas comovente homenagem em que saudosamente se evocou a memória de tantos que lutaram em defesa da Pátria, notou-se a presença do antigo combatente Mr. Emile Domecq, que acidentalmente se encontrava, naquele dia, em Guimarães e não quis deixar de associar-se à patriótica comemoração.

de algebeira, achou-se nas proximidades do Liceu Martins Sarmento, entregando-se a quem provar pertencer-lhe, na tesouraria da Fazenda Pública, desta cidade, pagando o interessado a importância deste anúncio.

BOAS-FESTAS

Diversos amigos nossos dignaram-se apresentar-nos cumprimentos de boas-festas, que muito reconhecidamente agradecemos e retribuimos.

Também os nossos ilustres colaboradores Senhoras D. Aurora Jardim e D. Ludovina Frias de Matos e os Srs. Dr. Nuno Simões, Delfim de Guimarães, Leão Martins e J. Ferreira Tóres, tiveram a gentileza de nos endereçar cumprimentos de boas-festas, o que deveras nos sensibilizou.

Igualmente se dignou apresentar-nos cumprimentos de boas-festas a Direcção da Sociedade Protectora dos Animais.

Agradecemos e retribuimos.

levantada. Seu irmão, que fielmente se abstivera de tomar parte na luta, conservando-se sempre no mesmo sítio, acolheu-me com um sorriso particular:

— Reconheci a minha proibida, disse-me com um ar desembaraçado. — Estou aqui, senhor de Bérault. É mais do que se poderia dizer dos dois gentishomens que acabam de desaparecer...

— Bem desejaria eu que eles não tivessem matado o meu criado antes de se pôrem em fuga — respondi-lhe com um certo azedume. O senhor de Cocheforêt encolheu os ombros e retorquiu-me:

— Eram meus amigos... Não espereis, pois, que os censure... Mas ainda não é tudo, senhor de Bérault.

— Não, — repliquei-lhe, limpando a minha espada. — Há ainda aquele gentishomem mascarado...

— E dei um passo para ir até ele. Mas o senhor de Cocheforêt deteve-me:

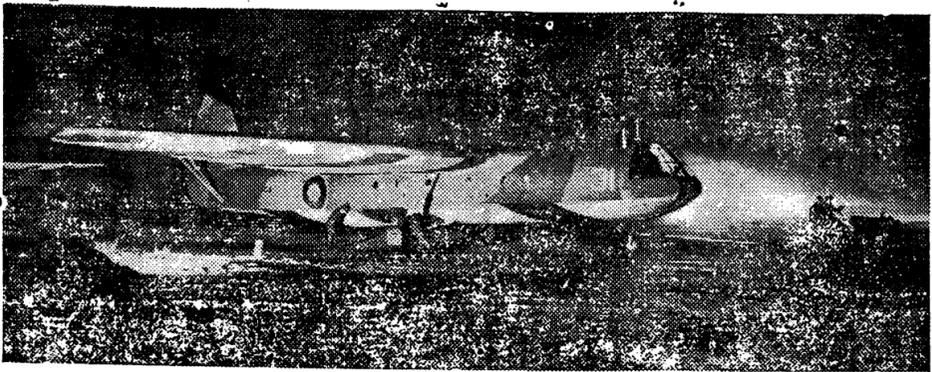
— Esse gentishomem...

Hesitava, e o seu olhar era incerto.

(Continua.)

A MARGEM DA GUERRA

Durante a noite os planadores britânicos aprestam-se para a partida



Festas & Romarias

N. S.ª Madre-de-Deus
No próximo domingo, 23, realiza-se, num dos mais pitorescos arrabaldes de Guimarães, a tradicional Romaria de Nossa Senhora da Madre-de-Deus...

Festas das Cruzes
No dia 7 de Maio próximo, realiza-se, com muito brilhantismo, na freguesia de Serzedelo, na forma dos anos anteriores, a tradicional e lindíssima Festa das Cruzes.

UM MINISTRO DO SENHOR
Foi em Paredes de Coura, há poucos dias, o Padre Francisco do Casal, no momento que completava 100 anos de idade e escutava, na sua velha igreja paroquial, os cantares místicos de um "Te Deum" em sua honra...

Livros & Jornais

Os dois maridos de "Madame"
Romance, por Metzner Leone.

Aparecem, recentemente, lançado pela "Argo Editora", de Lisboa, um novo romance deste discutido autor — Os dois maridos de "Madame"...

Santa Casa da M. de Guimarães
Sessão extraordinária do dia 14
Sob a presidência do seu Provedor, reuniu, extraordinariamente, a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia...

da cidade

Boletim Elegante

Pedidos de casamento
No penúltimo domingo efectuou-se o pedido de casamento da sr.ª D. Maria Madalena de Carvalho Jacinto, filha muito gentil do nosso prezado amigo e importante industrial e capitalista, sr. José Jacinto Júnior...

Partidas e chegadas
Com sua família tem estado no seu palacete de S. Torcato o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado.

Falecimentos e Sufrágios

D. Maria da Glória de Abreu de Lima
Em Ponte-do-Lima, na casa do Outeiro, freguesia de Arcozelo, faleceu a Senhora D. Maria da Glória de Abreu de Lima, irmã dos Srs. Dr. Gaspar de Abreu (Paço Vedro), Capitão João Gomes de Abreu de Lima e das Senhoras D. Constância, D. Maria Manuela, D. Maria Filomena e D. Mariana Abreu de Lima.

D. Josefa Teixeira de Carvalho
Na sua residência à Rua de Trindade Coelho e confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se, na segunda-feira, de manhã, após cruciantes sofrimentos...

D. Josefa Maria de Freitas Mauricio
Contando 77 anos e confortada com todos os sacramentos da Igreja, finou-se, na quinta-feira, na sua residência à Rua da República, a senhora D. Josefa Maria de Freitas Mauricio, viúva do Sr. Joaquim José da Silva Mauricio, mãe das senhoras D. Rosa Mauricio Machado, D. Margarida Mauricio de Oliveira, D. Natividade Mauricio Mota e D. Bárbara Mauricio e dos Srs. Bento e António Mauricio...

TEATRO JORDÃO HOJE

O Grande Aldrabão

O mais engraçado de todos os filmes de: DOROTHY LAMOUR e BOB HOPE
TERÇA-FEIRA, 18, ÀS 21 HORAS

A BANDEIRA DA ESQUADRILHA

CLIFFORD EVANS - CLIVEBROOK - JANE BAXTER

Cláudia, a esposa moderna

Uma obra prima da cinematografia com cenas inesquecíveis, interpretação de Dorothy Mc. Guire e Robert Young

TEATRO JORDÃO

A SOCIEDADE FILARMÓNICA VIMARANENSE

APRESENTA, NO DIA 3 DE MAIO DE 1944, como conclusão da Temporada de 1943/1944, em concerto extraordinário, uma Grande Orquestra de Câmara, num total de 30 Professores...

Isolda Gama Soprano Lírico
Eurico Tomaz de Lima Pianista-Compositor
Américo dos Santos Clarinetista
José Neves Maestro

Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Março de 1944
Hospital Geral de Santo António
Consultas no Banco, 269.
Recetas abonadas a doentes externos, 38.

A. Gomes, Filhos & Sá
OURIVESARIA GOMES
PÓVOA DE VARZIM
Oficina de Ourivesaria - Relojoaria - Joalharia - Gravadores -

Vendem-se

Casas com quintais, no centro da cidade, e terrenos para construção de prédios.
Tratar na «Auxiliadora» - Rua da República, 70 - Telf. 4470.

Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro

As suas "Bodas de Prata", vão ser comemoradas em Cascais, este ano.
Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, expedicionário a França em 1917, e que regressou a Portugal há 25 anos, vão comemorar, este ano, as suas "Bodas de Prata"...

Diversas Notícias

Câmara Municipal
A Câmara Municipal, em sua sessão de terça-feira, deliberou agradecer à Direcção Geral do C. T. T. a atenção em que se dignou tomar o pedido formulado respeitante à ampliação do edifício da Estação Telegrafo-Postal desta cidade...

Comissão Permanente de Avaliações

Devido aos seus afazeres profissionais, pediu a exoneração do cargo que vinha exercendo na Comissão Permanente de Avaliações, o nosso prezado amigo e camarada Sr. João de Deus Pereira.

Do Portugal de hoje

«Uma nação com sentido histórico. Um estadista genial. Um povo feliz na harmonia das suas relações de trabalho. Assim eu vi Portugal.»
Jesus Ercilia.

ESPINGARDAS

em estado de novas de 2 canos (monas)
VENDEM-SE 5
Informação: JOSÉ TEIXEIRA
Rua de S. Dâmaso, 129.

Para calçado, recomendamos a V. Ex.ª a SAPATARIA LUSO

RODRIGO DAS NEIAS

comunica aos seus fregueses que mudou a sua oficina para o lugar da Conceição (Fermentões), e também vende um fogão de estufa com depósito de cobre.

NOTÍCIAS DO ENPISTA

SECCÃO CHARADÍSTICA
dirigida por Lusbel

Torneio de Charadas em Prosa

IV Etapa - PARAGÓGICAS

- 1) Casa de pais, escola de filhos. — 4-5
- 2) A estrada da Vida é difícil de percorrer. — 2-3
- 3) No trabalho é que se conhecem as qualidades do bom artífice. — 2-3
- 4) Escolhe o man caminho quem submete a Razão ao coração. — 2-3
- 5) O sossego morre quando nasce a mentira. — 2-3
- 6) Muito pequeno é o homem que a todos se julga grande. — 1-2
- 7) Satisfaz mais a consciência do dever cumprido do que qualquer outra retribuição. — 4-5
- 8) A maior afeição pode acabar. — 1-2
- 9) Existe muito humilde merecedor de glória. — 1-2
- 10) No mundo nem tudo que é fácil todos sabem fazer. — 1-2
- 11) Procura trabalhar com preceito e acharás macio o teu leito. — 2-3
- 12) Diz mais a consciência do que um advogado famoso. — 2-3
- 13) A custo que seja, evita de seres mentiroso. — 1-2
- 14) O calor transformava a neve em gotas de água como a vida converte em lágrimas as ilusões desfeitas. — 1-2
- 15) A literatura é a insígnia do bom advogado. — 2-3
- 16) Vence, se depois generoso e fi-carás duplamente vitorioso. — 3-4
- 17) O defeito é sempre mais criticado pelos defeituosos. — 3-4
- 18) É bastante a pouca crueldade e sempre pequena a muita caridade. — 2-3
- 19) A estrada da vida é como a neve; se se não sabe andar nela dificilmente se caminha. — 2-3
- 20) Coração sem amor é como carta sem rubrica. — 2-3
- 21) A cobiça é a morte do ambicioso. — 2-3
- 22) Um desejo insensato reduzida quasi sempre em decepção. — 2-3
- 23) De perverso conselho todo o caminho indicado será ruim. — 1-2
- 24) Suporta, com brandura, tudo que for sofrível. — 3-4
- 25) Por causa da ambição se perdem muitos homens. — 1-2
- 26) No rol dos bons quantos mais estarão relacionados. — 2-3
- 27) A estrada da vida é uma longa e perigosa jornada. — 2-3
- 28) Quem deseja o bem na terra, é digno de ser amado. — 2-3
- 29) O desejo de vingança é muitas vezes um desabafo de dor. — 2-3
- 30) O valor das pessoas não se mede pela sua altura. — 2-3
- 31) Luta com os meios, mas justifica bem os fins. — 2-3
- 32) — Ser claro nos negócios não enriquece, mas é dom que nobilita. — 2-3
- 33) A palavra injuriosa é lâmina que o coração corta e a hora fere. — 2-3

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Indivíduo dum povo antigo, das margens do Ponto e que no século VII antes de Cristo invadiu a Lídia. 2 — Cavaleiro armado de lança, no exército austriaco ou alemão; viagem sem destino, sem rumo. 3 — Designação genérica das diversas espécies de alienação mental. 4 — Consintas; arbusto espinhoso da Arábia e Pérsia. 5 — Ligai; seguia; paiz. 6 — Designação vulgar de várias espécies de peixes. 7 — Espécie de ruão; picao; cavalo pequeno. 8 — Quota parte; antigo título dos príncipes e nobres do Malabar. 9 — Que respira. 10 — Segue; exorcência do carvalho. 11 — Regalara.

Verticais: 1 — Relativo ao casamento; subtiliza forense. 2 — Escritura convencional, com que se escrevem duas pessoas. 3 — Lugar destinado ao povo nos espectáculos antigos; ração diária de comida e bebida dos soldados em marcha. 4 — Abstinência completa de alimentação; semelhante. 5 — Grande corça americana; pois; pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 6 — Grão-sacerdote e presidente dos combates e mais espectáculos na provincia romana da Asia. 7 — Pessoa; favores; fruta do Brasil do feito duma fava. 8 — Travaria; causar indigestão. 9 — O santo que dá o nome a um templo ou freguesia; planta ornamental. 10 — Vinho de cachos de palmeira. 11 — Pequeno altar; combinar.

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 30 de Abril.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

Mensagens Campista

NUCLEOS DE CAMPISMO

— sua necessidade

Não é o campismo um desporto como tantos outros; é necessidade de homogeneidade, de compreensão colectiva, de convívio permanente.

Nunca o campista deve ser o homem de antanho; é tem vantagens em formar com outros, blocos rígidos com forte espírito de iniciativa.

A actual dificuldade em adquirir os objectos essenciais para a prática da vida ao ar livre, é também uma razão de peso para que os indivíduos se juntem em equipas, e assim, mais facilmente possam vencer as dificuldades do material.

Surge o pequeno núcleo campista a unificar uma série de amigos dispostos a tomarem contacto com o campo, a desinfectarem o organismo com um novo ar, a recobrar energias gastas na cidade, a fortalecerem-se fisicamente.

Mais do que nunca a juventude deve ser forte e sã, porque ela representa os aliceres duma geração nova. Os pequenos aglomerados campistas têm hoje um papel importantíssimo no grande movimento que começa a esboçar-se.

De cada núcleo deve surgir uma amizade solidária e um espírito de camaradagem perfeito. As directrizes devem ser seguras para que se não venha a cair no contraproducente. En-

caminhar a juventude para o campo é tarefa fácil; mostrar-lhe o caminho seguro, atraí-la a uma vida verdadeiramente sã, aproveitar-lhe a energia, torná-la consciente, é tarefa muito mais trabalhosa.

É precisamente aqui, que o núcleo de campismo deve ter o seu máximo de trabalho, num combate directo ao que faz campismo por ser moda, ao que destrói por se sentir livre.

É depois da formação completa de cada campista dentro do núcleo, há que estabelecer ligações com o exterior, tomar contacto com outros agrupamentos, manter um intercâmbio constante com todos os outros campistas.

Escrevam-nos para:

Clube Nacional de Campismo (Mensagens Campista) — Rua da Palma, n.º 116-1.º — LISBOA.

RESSACA

A EMOÇÃO NA LABAREDA

VERSOS DE

Aurora Jardim

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

O Hospital de Vizela

(conclusão)

— Porque não tornar o Hospital de Vizela independente?...
— Porque não analisar detidamente e conscienciosamente a sua situação, num próximo futuro, fazendo a união das quatro instituições vizelenses?... Será difícil? Não. Com boa vontade, e a compreensão nítida dos deveres de cidadãos e de caridade, essa fusão seria realizável, estabelecendo-se uma plataforma justa, equitativa, que não compromettesse no porvir a vida da nossa casa hospitalar.

— Porque não fazer esse estudo, iniciar essas démarches com circunspecção?... Vejamos:

Capitais do Hospital de Vizela (em 31-12-42)

Certificado de renda perpétua	8.699\$40
50 acções da C.ª dos Banhos de Vizela	5.000\$00
Capital mutuado por outras escrituras públicas	105.800\$00
Dinheiro depositado na C. G. de Depósitos	22.375\$80,3

Prédios rústicos — Casal do Aidro, propriedade do Estanca-Rios, propriedade do Pé do Monte, propriedade denominada Maragabas.

Prédios urbanos — Prédios da Rua Dr. Pereira Caldas. — E nada mais. Verificamos no n.º anterior que o rendimento de tudo o acima descrito, foi de 21 656\$40 e os suprimentos de 43.620\$05.

Bem sabemos que nestes 43.620\$05, estão incluídas verbas quer do Estado, quer de particulares. Mas o quantitativo maior para cobrir o «deficit», repetido para desfazer mal entendidos, foi generosamente coberto pela mesa da Santa Casa. E esta obrigação, tem racionalmente limites dentro das possibilidades orçamentais e económicas.

A Santa Casa de Guimarães tem o dever de olhar pelo Hospital de Vizela, mas — é um mal bem vizelense nunca se apreciarem os mas, porques e como — dentro do racional, do inteiramente justo... Existem três instituições em Vizela, com modestos capitais sim; mas cujos rendimentos são para acumular. Os seus fins são os mesmos: a caridade, o mútuo auxílio. A sua acção está paralisada por motivos que por agora não importam.

— Porque não juntar ao nosso hospital essas três instituições, com inteligência, com legalidade?... Assim, anexo — *Vade retro, Satana!* — a primitiva Misericórdia de Vizela, Asilo de Beneficência e a Associação de Socorros Mútuos ao nosso Hospital, os capitais úteis e rendimentos absolutos, aumentariam da seguinte forma: —

Primitiva Misericórdia de Vizela: Valor em propriedades 40.000\$00

Asilo de Beneficência: Capital e uma pequena propriedade 50.000\$00

Associação de Socorros Mútuos: Capital (aproximado) 30.000\$00

Isto, claro está, sem comprometer os direitos dos associados dos Socorros Mútuos. Depois, dar mais desenvolvimento na aceitação de novos irmãos, estatuidos o que se faz nas outras Misericórdias portuguesas ou em bases legais, adaptáveis aos usos, costumes, possibilidades e necessidades da região. Tudo o acima exposto será realizável sem a boa vontade e critério são dos vizelenses natos — que diga-se de passagem, são de boa índole — conseguirem subjugar a apatia enervante que os domina, esmagarem a maledicência que os corrompeu, e espelharem o materialismo grosseiro que os escravizou por um espiritualismo, por um baírrismo coerente e eficaz.

O individualismo feroz que asorberba a maior parte não tem razão de existência quando prejudica o bem da colectividade. Outro-sim, também o egoísmo colectivo não tem razão de ser, quando coloca em risco o bem privado. Deve ser como o sal; nem de mais, nem de menos. Adicione-se o que baste para satisfazer os nossos desejos e apetites, que sempre devem ser comeditos.

Tudo aquele que não acreditar na veracidade do que aqui ficou dito, vá ao pobre hospital e pessoalmente verifique estas tristes verdades. Fica feito o apelo que é justíssimo, e não é frete. Fica feito o aviso para que no futuro não existam queixas infundadas nem críticas descabidas, se os vizelenses forem obrigados a aceitarem uma tremenda realidade.

Fica exposta a verdade e expresso um alvitre que, oxalá encontre eco no coração endurecido de muitos.

Pela parte que nos diz respeito, coraçãõ tranqüilo e a alma pronta para sacrificios, sempre na vanguarda por bem e para bem da nossa terra.

Júlio Damas.

D. E. — É justo declarar a tempo que verifiquei a refeição destinada aos doentes e a achei excelente. Ninguém, ali, contava com a minha presença — humilde mas justiceira — o que mais ainda me convenceu da óptima gerência daquela Casa.

Ficam, assim, ligados os dentes amarelados da má-lingua. — J. D.

PRECISAM-SE BAIXOS PARA NEGÓCIO COMERCIAL, PRÓXIMOS DO TOURAL. ESCRIVER A ESTA REDACÇÃO PARA J. A. S.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação,

de Fabricantes

e Negociantes estrangeiros e nacionais

Noticias de Guimarães n.º 637 - 16-4-944



COMARCA DE GUIMARÃIS
Secretaria Judicial

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia seis de Maio próximo, por treze horas, no Tribunal desta comarca, situado na rua do Gravador Molariño, desta cidade, proceder-se-á, em hasta pública, à arrematação dos bens abaixo mencionados, conforme foi deliberado, para pagamento de passivo, no inventário orfanológico por falecimento de Agostinho de Lima, casado que foi com a cabeça de casal Maria Clara Ferreira de Lima, do lugar de Estanca-rio, freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, ficando a sisa, por inteiro, por conta do arrematante. Tais bens são — dez prédios urbanos, de um andar, inscritos na matriz respectiva nos artigos 338 a 347, construídos na sorte ou bouça do Monte de São Domingos, situada na dita freguesia e descrita na Conservatória sob o n.º 23.290. Cada um dos primeiros oito prédios referidos entrará em praça pela quantia de 6.400\$00, o nono pela de 12.960\$00, e o décimo pela de 15.120\$00, e serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima desses valores.

Guimarães, 24 de Março de 1944.

O Chefe da 2.ª Secção,
Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
João Leal.

CÃO

Faltou um cão de caça preto com as patas e o abdomen brancos, ao Sr. José Lopes da Silva, mais conhecido por *Zé do Tinto*, que reside no lugar do Barreiro, freguesia de S. Jorge de Selho.

O dono tem-se esforçado por saber onde o referido cão se encontra para o readquirir, julgando não dever nenhum favor a quem lho detenha ilegalmente.

GAVES DA RAPOSEIRA

— GRANDES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS —

LAMEGO

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade.

A Auxiliadora — R. da República, 70, Telefone, 4470.

Lêde e propagal o «Notícias de Guimarães»

Pedro da Silva Freitas

CHAFARICA

11 — Rua de Santo António — 13

Telef. 4221 End. Tel. PERFEITAS

DEPÓSITO DE TABACOS E FÓSFOROS

— Vendas por Grosso e a Retalho —

Sortido completo em Chás e Perfumarias.

— Papelaria e Objectos de Escritório —

AGENTE DA CASA DA SORTE

Lotarias para tôdas as extracções.

Descontos a Revendedores.

Pôrto - KOPKE

CASA FUNDADA EM 1838

Vinhos do Pôrto de alta classe.

O primor e a delícia dos bons apreciadores.

Espumantes Naturais, Wermouths e Brandies

TIPOS CONSAGRADOS

WHISKY Long John e GIN Seagers

Agente e Depositário em Guimarães:

T. Mendes Simões

591 Rua de S. Dâmaso, n.º 1 - Telefone — 4 2 2 7

Ao Comércio, Indústria e Público

Máquinas de Escrever ■ Permutas ■ Reparações ■ Compras ■ Transformações de Teclados, etc., etc., de tudo trata a casa PEDRO GONÇALVES «Rei das Máquinas» de escrever, fundada em 1917, na Rua de Cedofeita, 156, Tel. 87, (frente à R. Miguel Bombarda) no Pôrto, executando também todo e qualquer trabalho de Dactilografia. Ensina a escrever à máquina a ambos os sexos, com curso diurno e nocturno com matrícula permanente.

595

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Correspondentes Bancários

Depositários de Tabacos e Fósforos

VINHOS BORGES & IRMÃO

Revendedor da Sociedade de Produtos LACTEOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Chás — Papelaria — Perfumarias

Mercearia fina Colonial. Sortido completo em

Miudezas. Armazém de Mercearia anexo de

Francisco Pereira da Silva Quintas

Lêde e assinal o «Notícias de Guimarães»